

VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 16 | Número 2 | Julho – Dezembro 2022
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

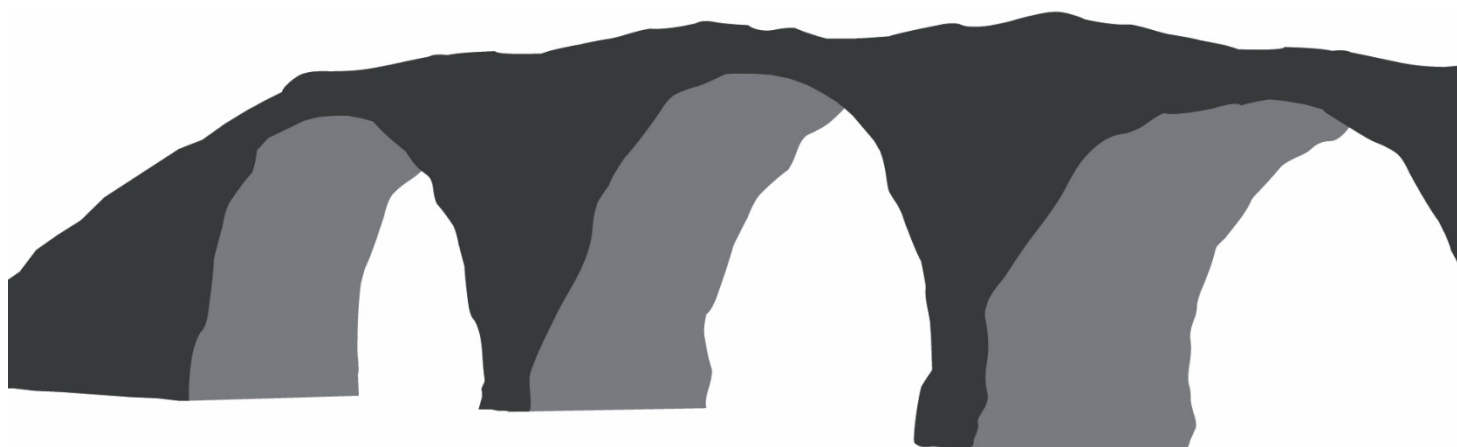
**TABACO NAS FRENTES DE LAVRA NO CENTRO-OESTE COLONIAL
BRASILEIRO: FRAGMENTOS DE UM HÁBITO COTIDIANO**

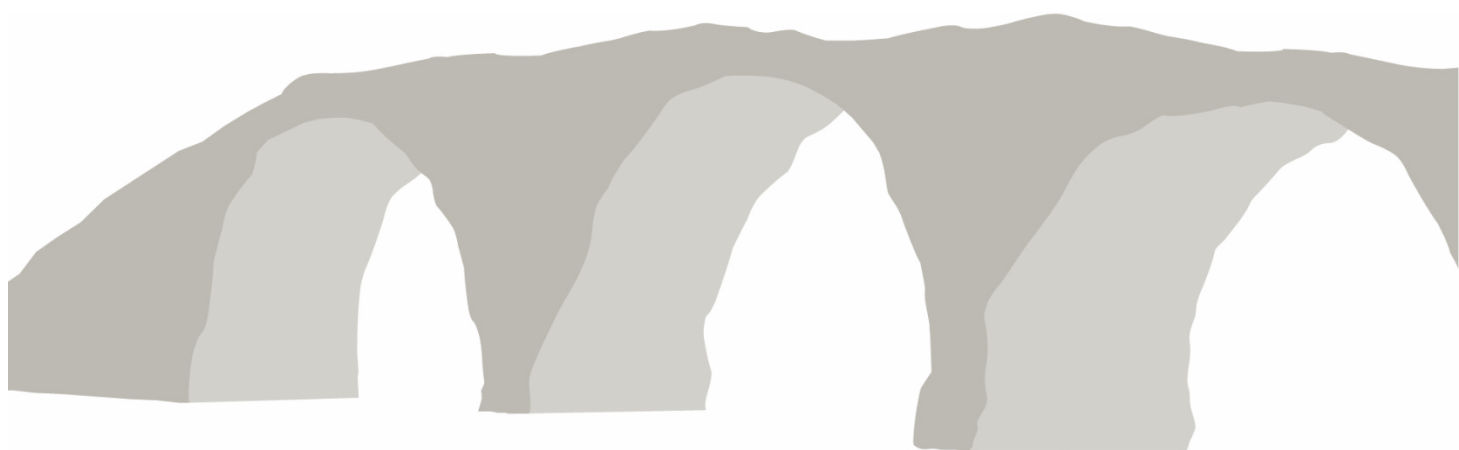
**EL TABACO EN LOS FRENTES DE MINERÍA DEL MEDIO OESTE COLONIAL
BRASILEÑO: FRAGMENTOS DE UN HÁBITO COTIDIANO**

**TOBACCO ON MINING FIELDS IN BRAZILIAN COLONIAL MIDWEST:
FRAGMENTS OF AN EVERYDAY HABIT**

Lucas de Paula Souza Troncoso

Paulo Eduardo Zanettini





Submetido em 13/01/2022.

Aceito em: 21/04/2022.

Publicado em 27/07/2022.

**TABACO NAS FRENTES DE LAVRA NO CENTRO-OESTE COLONIAL
BRASILEIRO: FRAGMENTOS DE UM HÁBITO COTIDIANO**

**EL TABACO EN LOS FRENTES DE MINERÍA DEL MEDIO OESTE COLONIAL
BRASILEÑO: FRAGMENTOS DE UN HÁBITO COTIDIANO**

**TOBACCO ON MINING FIELDS IN BRAZILIAN COLONIAL MIDWEST:
FRAGMENTS OF AN EVERYDAY HABIT**

Lucas de Paula Souza Troncoso¹

Paulo Eduardo Zanettini²

RESUMO

Este artigo apresenta algumas considerações a respeito de vestígios de cachimbos de barro identificados em pesquisas desenvolvidas nos estados de Goiás e Mato Grosso, no bojo de estudos de licenciamento de empreendimentos voltados à exploração mineral nos municípios de Pilar de Goiás (GO), Guarinos (GO) e Pontes e Lacerda (MT), na região do Centro-Oeste brasileiro, em terrenos marcados por abrigar fragmentos de episódios da mineração colonial desenvolvida a partir do século XVIII. Ainda que os vestígios aqui apresentados representem uma amostra diminuta em comparação aos acervos oriundos das pesquisas realizadas, eles podem ser entendidos como testemunhos materiais do cotidiano das populações lotadas junto às frentes de exploração mineral, reveladores de significações e aspectos simbólicos próprios ao universo do tabaco e da prática do fumo em cachimbos.

Palavras-chave: cachimbos de barro, fumo, arqueologia histórica, mineração.

¹ Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Arqueólogo da Zanettini Arqueologia. E-mail: lucastroncoso@hotmail.com.

² Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. E-mail: diretoria@zanettiniArqueologia.com.br; arqueoz@uol.com.br.

RESUMEN

Este artículo pretende presentar algunas consideraciones sobre pipas de arcilla identificadas en investigaciones realizadas en los estados de Goiás y Mato Grosso, en el contexto de estudios de licenciamiento para emprendimientos destinados a la exploración minera en las ciudades de Pilar de Goiás (GO), Guarinos (GO) y Pontes e Lacerda (MT), en la región del Medio Oeste brasileño, en terrenos marcados por fragmentos habitacionales de episodios de minería colonial desarrollada a partir del siglo XVIII. Aunque los testimonios aquí presentados representan una pequeña muestra en comparación con las colecciones de las investigaciones realizadas, ellos pueden entenderse como ejemplos materiales de la vida cotidiana de poblaciones ubicadas en los frentes de exploración minera, revelando significados y aspectos simbólicos del universo del tabaco y la práctica de fumar en pipa.

Palabras clave: pipas de arcilla, arqueología histórica, minería.

ABSTRACT

This article presents some considerations regarding the traces of clay pipes identified in researches carried out in the states of Goiás and Mato Grosso, in the context of licensing studies for mineral exploration companies in the municipalities of Pilar de Goiás (GO), Guarinos (GO) and Pontes e Lacerda (MT), in Brazilian midwest, marked by housing fragments of episodes of colonial mining developed from the 18th century. Although the traces presented here represent a small sample compared to the collections from the researches carried out, they can be understood as material testimonies of the daily lives of populations located in the fronts of mineral exploration, revealing meanings and symbolic aspects of the tobacco universe and the practice of pipe smoking.

Keywords: clay pipes, tobacco, historical archaeology, mining.

INTRODUÇÃO

Cachimbo de barro, como é de conhecimento daqueles que se debruçam sobre estudos no âmbito da Arqueologia brasileira, costumam ser identificados, de forma recorrente, no registro arqueológico de distintos contextos de ocupação a partir do século XVI. Sendo assim, valendo-nos das palavras de Agbe-Davies (2010),

[a] Arqueologia é nossa melhor chance de entender a produção de cachimbo nas colônias. Além de raras referências em registros judiciais referentes à escavação de argila para cachimbo ou à posse de moldes de cachimbo, a atividade quase não deixa vestígios no registro documental. Além disso, temos muito pouca evidência arqueológica direta de produção [...]. Nossa compreensão da produção baseia-se na reconstrução das relações sociais que moveram os cachimbo de seus locais de fabricação para locais de uso e descarte (Agbe-Davies, 2010, p. 76-77, tradução nossa)³.

Para o caso da reflexão a que nos propomos neste artigo, nos deteremos sobre evidências de cachimbo de barro identificados em sítios arqueológicos associados ao universo de exploração mineral colonial iniciada ainda na primeira metade do século XVIII em Goiás e Mato Grosso. Igualmente, além das evidências observadas junto aos sítios arqueológicos, serão destacados exemplos de cachimbo de barro oriundos do núcleo histórico tombado de Pilar de Goiás.

Os sítios arqueológicos Jordino (Complexo Jordino), Cachoeira Delgado, Açafirão e Lavrinhas foram identificados e cadastrados em pesquisas desenvolvidas no bojo do licenciamento ambiental de empreendimentos voltados à implantação de exploração de jazidas minerais dos seguintes projetos, respectivamente: *Programa de Prospecção, Resgate, Monitoramento e Educação Patrimonial Projeto Pilar de Goiás* (Processo Iphan n.º. 01516.002243/2010-41, município de Pilar de Goiás-GO: sítios Jordino/Complexo Jordino e Cachoeira Delgado); *Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural: Prospecções Intensivas, Documentação, Monitoramento e Educação Patrimonial Projeto Maria Lázara* (Processo Iphan n.º. 01516.001562/2013-56, município de Guarinos-GO: sítio Açafirão) e *Programa de Prospecção e Resgate Arqueológico Projeto Ernesto Pau-a-Pique* (Processo Iphan n.º. 01450.003249/2010-11, município de Pontes e Lacerda-MT: sítio Lavrinhas). A Figura 1 indica a localização das áreas em que os vestígios de cachimbo de barro destacados neste artigo foram identificados.

³⁴Archaeology is our best shot at understanding pipe production in the tobacco colonies. Aside from rare references in court records to the digging of pipe clay or the ownership of pipe molds, the activity leaves barely a trace in the documentary record. Furthermore, we have very little direct archaeological evidence of production [...]. Our understanding of production relies on reconstructing the social relationships that moved pipes from places of manufacture to places of use and discard” (Agbe-Davies, 2010, p. 76-77).

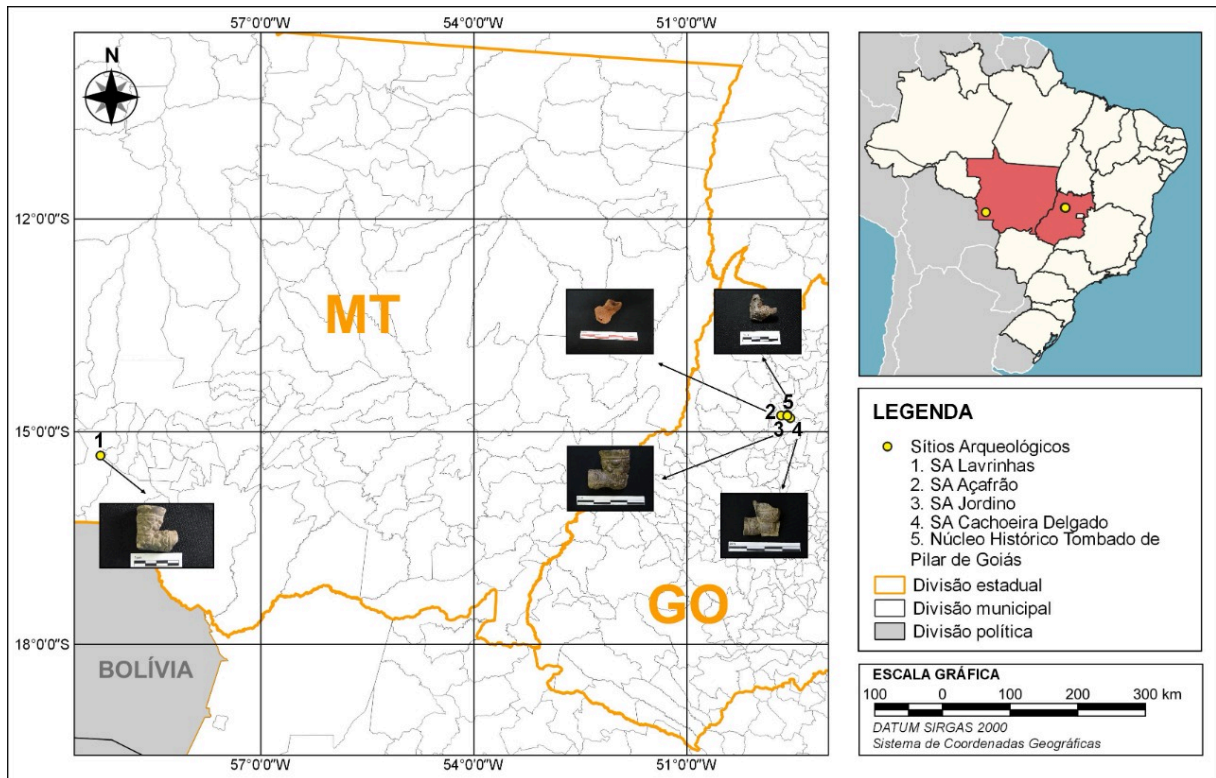


Figura 1. Localização dos sítios arqueológicos Jordino, Cachoeira Delgado, Açafão, Lavrinhas e do núcleo histórico tombado de Pilar de Goiás.

Cabe destacar que os quatro sítios, bem como o núcleo histórico tombado de Pilar de Goiás, são marcados por vestígios de cultura material e estruturas que caracterizam a prática cotidiana junto às frentes de exploração mineral colonial. Nessas frentes a utilização de cachimbos de barro era algo bastante recorrente, o que tem levado a compreendê-los, nas palavras de Allen (2016, p. 95), como “um grupo de artefato que tem chamado muita atenção recentemente e que, mesmo de forma modesta, contribui às narrativas sobre o cotidiano do Africano e Afro-Brasileiro”.

É corrente a indagação daqueles que estudam o passado a respeito da possibilidade de artefatos refletirem aspectos identitários e do contexto social dos grupos que os produziram e os utilizaram (Emerson, 1999). O uso da cultura material para inferências sobre a identidade étnica dos povos do passado é algo inevitavelmente problemático e depende de uma compreensão de como a cultura material pode refletir e reforçar identidades culturais. O estilo, como forma de conhecimento culturalmente compartilhado, pode ser usado como medida desse processo. As diferenças estilísticas entre determinados grupos podem, de fato, passar despercebidas. Contudo, quando tais povos passam pelo processo de objetificação cultural, o estilo pode ser entendido, muitas vezes, como uma estratégia de resistência cultural (Monroe, 2002).

Importa mencionar que este artigo busca apresentar uma pequena amostra, ou coleção, de vestígios identificados em zonas de exploração mineral no período colonial, entendendo os cachimbos de barro como uma categoria material associada ao universo dos artefatos de uso pessoal, que apresentam grande potencial para examinar as vidas dos indivíduos, especialmente no que diz respeito a questões de gênero, etnicidade, classe, identidade, entre outras, refletindo escolhas individuais, bem como padrões e normas de uma determinada sociedade (White & Beaudry, 2009, p. 212).

Na medida em que pesquisas passaram a incorporar em sua agenda uma preocupação com a construção e busca de identidades a partir do registro arqueológico, novas abordagens surgiram, incorporando categorias “marginais” da cultura material, em especial, as pequenas coisas (objetos pessoais), as quais, a partir de sua relação com as pessoas, são imbuídas de significados multifacetados, acumulados em um processo de transformação multidirecional entre objeto e pessoa, sujeitos e agentes ligados uns aos outros (*Ibidem*, p. 211).

Arqueólogos conseguem acessar um número limitado de atos e gestos corporais por meio da análise de artefatos pessoais (objetos que são resquícios de atos mundanos e repetidos) e, nesse sentido, adornos pessoais, ferramentas, objetos com inscrições, recipientes de preparo e serviço de alimentos, juntamente com outros artefatos, são os restos físicos de tais atos realizados como parte da performance da identidade. Sendo assim, objetos pessoais, tais como cachimbos, apresentam grande potencial informativo e interpretativo no que diz respeito a aspectos de identidade, uma vez que estão diretamente relacionados com a aparência, fisicalidade e ações/performance dos indivíduos que os utilizam. Igualmente entendidos como objetos pessoais, cachimbos de barro parecem se enquadrar em uma categoria de objetos individuais, utilizados de maneira exclusiva por um indivíduo durante sua vida (*Ibidem*, p. 213).

O excerto abaixo indicado, extraído da obra de Daniel Defoe, “*Robinson Crusoe*”, serve de exemplo para ilustrar a necessidade de se possuir um cachimbo para pôr em prática o hábito de fumar e consumir tabaco:

A segunda coisa que me fazia muita falta era um cachimbo para o tabaco; mas não tinha como fabricá-lo. No entanto, para isso também encontrei finalmente remédio, depois de algum tempo... Nesse meio tempo, melhorei minha situação me dedicando a todas as obras mecânicas suscitadas por minhas necessidades, e acredito que, com mais tempo, poderia ter me tornado um bom carpinteiro, especialmente se levamos em conta como eram poucas as ferramentas de que eu dispunha. Além disso, cheguei a uma perfeição inesperada em meus artefatos de barro cozido, e conseguia fabricá-los bastante bem com uma roda, que achava infinitamente mais fácil e melhor, porque assim produzia artigos arredondados e podia dar-lhes forma, quando antes eram objetos horríveis de se contemplar. Mas acho que nunca me envaideci mais do meu desempenho, ou senti mais alegria com alguma descoberta, do que quando consegui fabricar um cachimbo para fumar tabaco. E embora fosse um objeto feio e desajeitado quando ficou pronto, e queimado até ficar vermelho como todos os meus outros produtos de barro, mas duro e firme, podendo ser usado para fumar, ele me trouxe um conforto extremo, pois antes eu costumava fumar e havia cachimbos no barco, mas me esqueci deles num primeiro momento, sem saber que havia tabaco na ilha; e depois, quando tornei a vasculhar o navio, não encontrei mais cachimbo algum (Defoe, 2012 [1719], p. 128; p. 160).

CACHIMBOS DE BARRO E FRENTES DE EXPLORAÇÃO MINERAL

No que diz respeito à categorização do termo cachimbo de barro, valemo-nos das definições apresentadas por Hissa (2020) e Alves (2015), segundo as quais:

Os cachimbos ditos de barro são peças de argilas queimadas a baixas temperaturas, geralmente em tons terrosos, vermelhos e pretos, produzindo peças porosas. Por vezes

apresentam núcleo reduzido, de onde se infere o uso de argilas com algum teor de ferro. Eram produzidos por modelagem ou moldagem, geralmente com forma angular e para inserção de piteira vegetal, que poderiam chegar a longos comprimentos, mas também aparecem na forma de angular longo com haste e boquilha integradas... (Hissa, 2020, p. 116).

... cachimbos de barro são artefatos de produção colonial e pós-colonial, feitos a partir de argilas vermelhas, geralmente de morfologia angular, e cuja haste é, em geral, destacável e de origem vegetal. Estes artefatos opõem-se aqueles de produção europeia, feitos a partir de argila branca (caulim) e inseridos numa rede global de comércio (Alves, 2015, p. 1101).

Conforme destacado por Alves (2015), a moldagem e a modelagem foram as técnicas utilizadas na confecção de cachimbos de barro, sendo que

a primeira consiste no emprego de uma forma de duas partes na produção das peças (...), enquanto a outra se vale predominantemente das próprias mãos do artesão. No caso do Brasil, os cachimbos de barro (...) são majoritariamente feitos a partir de moldes (Alves, 2015, p. 1103).

Neste sentido, com o intuito de oferecer uma pequena contribuição ao debate voltado à prática cotidiana do uso de tabaco e cachimbos, especialmente no âmbito do universo das frentes de lavra coloniais, apresentamos um conjunto de vestígios de cachimbos de barro provenientes de arraiais de mineração do século XVIII e áreas de exploração a elas associadas. Dessa forma, ainda que pesquisas futuras ou em andamento sejam de fundamental importância para a prática arqueológica, as coleções já constituídas podem fornecer uma variedade e riqueza de dados ainda não utilizados por parte da comunidade acadêmica.

De acordo com Bollwerk & Tushingam (2016, p. 7), pesquisadores que analisam acervos/coleções consolidados, oriundos de pesquisas já concluídas, devem lidar com uma série de desafios para padronizar dados e torná-los utilizáveis, combinando métodos interdisciplinares e estruturas teóricas. Igualmente, conforme pressupostos defendidos por Gardin (1980), a Arqueologia acumula um grande volume de dados, os quais o pesquisador deverá estar apto a recuperar e utilizar de modo a formular e testar teorias interpretativas, valendo-se, dessa forma, por exemplo, de catálogos de acervos provenientes de pesquisas arqueológicas, de relatórios de escavação preocupados com os vestígios materiais identificados e seus atributos (Gardin, 1980 *apud* Troncoso, 2019).

OS VESTÍGIOS DE CACHIMBOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO JORDINO (COMPLEXO JORDINO)

O sítio arqueológico Jordino (Complexo Jordino) foi originalmente detectado por ocasião de atividades desenvolvidas no bojo de diagnóstico arqueológico não interventivo, no ano de 2008, no município de Pilar de Goiás-GO (Coordenada UTM 22 L 652600 8365699 – Datum SIRGAS 2000), tendo sido inicialmente caracterizado pela presença de evidências de alicerces possivelmente relacionados a uma unidade habitacional (Zanettini Arqueologia, 2008). No entorno da área do sítio, foram identificadas diversas estruturas antigas

constituídas por blocos rochosos e evidências recentes relacionadas à atividade de garimpo, por vezes indicando sobreposição de intervenções, sugerindo a existência de uma frente de lavra mineradora. Inicialmente, cadastrou-se cada uma dessas estruturas de mineração individualmente, sendo agrupadas, posteriormente, em universos maiores, denominados *áreas arqueológicas*.

Dessa forma, as pesquisas realizadas entre julho de 2008 e agosto de 2011, envolvendo diagnóstico não interventivo, prospecções e atividades de resgate, resultaram no estabelecimento de 14 áreas arqueológicas, totalizando 570 estruturas observadas no interior do sítio/complexo arqueológico. Como é próprio às paisagens mineradoras, o sítio Jordino, que a princípio era formado apenas pela Estrutura 01 da Área de Preservação Arqueológica 01, ganhou dimensões maiores. Além disso, com o avanço das pesquisas, concluiu-se que todo o montante de áreas arqueológicas deveria constituir um único sítio arqueológico, por se tratar de uma grande área com uma única lavra colonial de mineração onde não apenas os conjuntos estruturais, mas também os objetos e ferramentas encontrados faziam parte de um intrincado contexto, formando, assim, um complexo minerador colonial. Desta forma, definiu-se que todas as áreas arqueológicas fossem reunidas em um único sítio arqueológico, registrado como sítio Jordino (Zanettini Arqueologia, 2013a).

Importa mencionar que o sítio Jordino, incidente sobre morro localizado imediatamente defronte ao núcleo histórico tombado de Pilar de Goiás, a leste e a sul de seu centro histórico, corresponde às frentes das lavras mencionadas por Eschwege em sua obra *“Pluto Brasiliensis”*, o que pode ser observado na passagem em que o autor descreve o Arraial do Pilar:

As lavras deste importante arraial foram muito ricas, sobretudo no morro vizinho, onde foram extraídas mais de cem arrobas de ouro. Hoje, entretanto, pela falta de água, caiu em completa decadência. Um certo Desembargador Segurado animou os habitantes do lugar a construírem um canal para a condução da água. As intrigas que se levantaram, porém, anularam todos os esforços. Um canal de madeira, que já estava pronto, foi queimado, não se sabe se por acaso ou criminosamente (Eschwege, 2011 [1833], p. 108).

Os cachimbos de barro oriundos das pesquisas desenvolvidas no sítio Jordino totalizam três peças, representando 2,97% do acervo total, e foram decorados e produzidos através de moldes, possivelmente esculpidos em madeira ou em argila, que deram a forma e decoração para o artefato (Figura 2) (Zanettini Arqueologia, 2013a). Por sua vez, é possível observar, na Figura 3, exemplares de fragmentos de cachimbos de barro identificados no município de Pilar de Goiás e região que fazem parte do acervo do Museu Casa da Princesa, sendo possível notar a semelhança dos padrões decorativos presentes nos cachimbos oriundos do sítio Jordino, caracterizados pela presença, junto ao forninho, de motivos fitomorfos, florais, volutas e incisões.

TABACO NAS FRENTES DE LAVRA NO CENTRO-OESTE COLONIAL BRASILEIRO:
FRAGMENTOS DE UM HÁBITO COTIDIANO

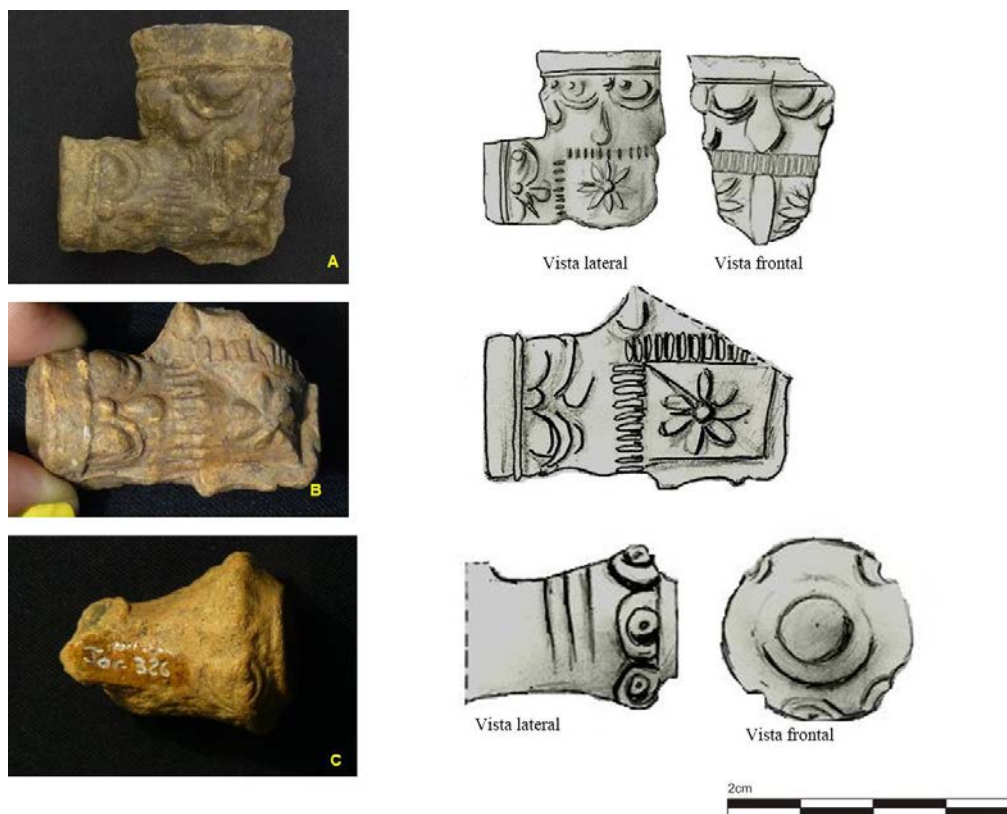


Figura 2. Cachimbos de barro identificados no sítio Jordino (Fonte: Zanettini Arqueologia, 2013a).



Figura 3. Cachimbos que compõem a coleção do Museu Casa da Princesa, em Pilar de Goiás, muito semelhantes àqueles identificados no sítio Jordino, sendo possível observar motivos decorativos que são reproduzidos, deixando um padrão desta decoração nestes objetos (Fonte: Zanettini Arqueologia, 2013a).

OS VESTÍGIOS DE CACHIMBOS DO NÚCLEO HISTÓRICO TOMBADO DE PILAR DE GOIÁS

Os vestígios de cachimbos de barro apresentados neste tópico são provenientes de escavações realizadas no núcleo histórico tombado de Pilar de Goiás a partir de *Diagnóstico Arqueológico do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico de Pilar de Goiás*, programa de pesquisa articulado com o *Programa de Prospecção, Resgate, Monitoramento e Educação Patrimonial Projeto Pilar de Goiás*, em atendimento ao Termo de Cooperação Técnica firmado entre Yamana, IPHAN-GO e Prefeitura Municipal de Pilar de Goiás.

O *Programa de Diagnóstico Arqueológico* desenvolveu ações na área urbana tombada e seu entorno, visando ao estabelecimento de zoneamento arqueológico para fins de gestão, tendo em vista futuras intervenções e obras de requalificação pretendidas para o núcleo histórico envolvido. Nesse sentido, foram realizadas entrevistas formais e informais junto à comunidade, com coleta sistemática de depoimentos, assim como atividades de escavação/prospecção arqueológica em logradouros e imóveis do município, selecionados a partir das fontes documentais previamente consistidas (Zanettini Arqueologia, 2013c).

O acervo resgatado em contextos domésticos e produtivos durante as escavações na área urbana de Pilar de Goiás gerou um acervo cerâmico de 1746 peças. Dessas, 18 são fragmentos de cachimbos, representando aproximadamente 1,03% do acervo total. Todas as peças são oriundas de intervenções em profundidade (tradagens ou unidades de escavação) (Zanettini Arqueologia, 2015).

Do padrão estandardizado observado por Souza (2000) no Arraial de Ouro Fino, um exemplar foi observado no núcleo urbano de Pilar, em fragmento proveniente da Casa de D. Otilia (Figura 4a). Souza (2000), analisando os cachimbos provenientes do Arraial de Ouro Fino em Goiás e de coleções oriundas de outras localidades de Goiás, especialmente em relação à confecção moldada, observou um processo de produção que denominou de estandardizada: no molde e com decorações padronizadas e influências barrocas, conforme pode ser observado nas Figuras 2, 3, 4A, 4J, 4N, 5, 7A, 7B, 7D, 8A, 8B, 8C, 8D, 8E, 8F, 8G 8H, 8I, por exemplo, que apresentam esse padrão estandardizado, com filetes e círculos concêntricos, linhas sinuosas, motivos antropomorfos, fitomorfos, motivos florais, volutas, linhas incisas e ponteadas (Souza, 2000, p. 77,83). De acordo com Souza (2000),

[os] recipientes cerâmicos utilizados nas minas de Goiás, bem como os cachimbos feitos em molde, eram padronizados e especializados, a despeito da enorme heterogeneidade dos indivíduos, possuindo também um caráter popular, urbano e associado a uma população deslocada, refletindo as tendências ligadas ao momento do Barroco (Souza, 2000, p. 52).

Interessante ressaltar que Souza estudou um contexto de minas, com uma população notadamente heterogênea. Dessa forma, o estabelecimento de um mercado de produção e comercialização de utilitários cerâmicos sugere que os habitantes das minas estavam utilizando a mesma linguagem material, ou seja, partilhando as mesmas referências (Zanettini Arqueologia, 2015).

Cachimbos parecidos podem ser observados nos acervos provenientes do sítio Jordino (ver Figura 2), no morro de Pilar, área caracterizada fundamentalmente como de produção, bem como em exemplares expostos no Museu Casa da Princesa, recuperados principalmente por doações e, portanto, sem proveniência precisa e em coleção particular (ver Figura 3). Além deste, na Casa de D. Otilia também foi recuperado um fragmento

de forninho de cachimbo modelado com acabamento similar ao vitrificado. É possível que, para este caso, algum equívoco durante a produção tenha deixado o objeto com este aspecto (Figura 4b) (*Ibidem*, p. 216).

Para o Museu Casa da Princesa, um fragmento de forninho foi identificado durante as ações de escavação, confeccionado através de molde e com dimensões diminutas que não permitem inferir observações relevantes à decoração (Figura 4c). Por sua vez, na Casa de Enxaimel identificou-se um fragmento de forninho, confeccionado através de molde, com acabamento alisado, de dimensões igualmente insuficientes para fornecer maiores informações (Figura 4d) (*Op. cit.*).

Na Casa do Padre Braz, foram localizados três fragmentos de cachimbos: o primeiro, um fragmento de piteira, o maior deles, foi confeccionado em molde, apresentando decorações incisas geométricas; o segundo é um fragmento de forninho, modelado e com acabamento rústico; o terceiro também é um fragmento de forninho, entretanto, confeccionado a partir de molde e sem decoração (Figura 4e, 4f e 4g) (*Ibidem*, p. 216-217). Na Casa de D. Antônia, foi localizado um cachimbo fragmentado, tendo permanecido a piteira e a parte inicial do forninho. O orifício da piteira conta com abertura de 0,75 cm, enquanto o orifício do “cotovelo” do cachimbo tem apenas 0,3 cm. O objeto foi confeccionado através de molde, não apresenta decoração, e a argila tem queima branca (Figura 4h) (*Ibidem*, p. 217).

Por sua vez, nas escavações realizadas na Casa de D. Enivalda, quatro fragmentos de cachimbos foram localizados, todos representando partes de seus respectivos forninhos. O primeiro, confeccionado no molde, sem decoração; o segundo, igualmente confeccionado no molde e sem decoração; o terceiro faz parte do conjunto de cachimbos de produção estandardizada citado por Souza (2000); por último, o quarto apresenta características de moldado, sem decoração (Figura 4i, 4j, 4k, 4l). Na Casa de D. Lindomar, foram localizados dois fragmentos de cachimbo remontáveis da piteira e do cotovelo. O objeto foi confeccionado no molde e não apresenta decoração (Figura 4m). Finalmente, da Casa do Sr. João do Carmo, foi recuperada a maior quantidade de cachimbos no núcleo urbano, totalizando seis fragmentos relativos a cinco objetos distintos: o primeiro é um fragmento de forninho, confeccionado a partir de molde, com decoração em pontos e linhas curvas; o segundo cachimbo foi remontado com dois fragmentos, é o objeto mais íntegro, com piteira integral e forninho fragmentado, tendo sido produzido no molde, sem decoração; o terceiro, confeccionado no molde, com decoração geométrica, apresenta parte do forninho e piteira fragmentada; o quarto cachimbo é caracterizado por fragmento de forninho com produção moldada e resquílios de decoração incisiva; o quinto e último é um fragmento de forninho, moldado com decoração incisiva (Figura 4n, 4o, 4p, 4q, 4r) (*Ibidem*, p. 217-218).

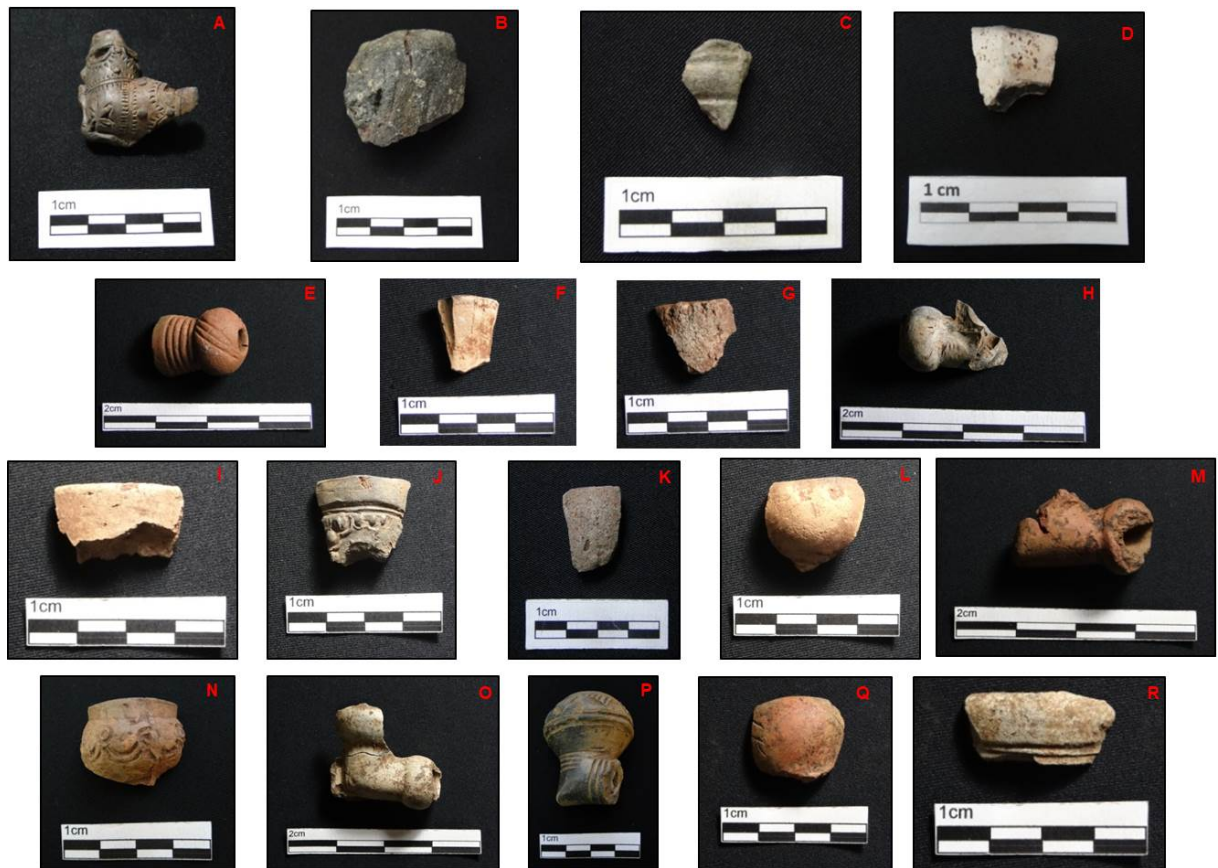


Figura 4. Cachimbos provenientes das escavações realizadas no núcleo histórico tombado de Pilar de Goiás. Os exemplares “a” e “b” são oriundos da residência de Dona Otília; o exemplar “c” é oriundo do Museu Casa da Princesa; o exemplar “D”, proveniente da Casa de Enxaimel; os exemplares “e” a “g” são oriundos da Casa do Padre Braz; o exemplar “h” foi identificado na casa de Dona Antônia; exemplares “i” a “l” são provenientes da casa de Dona Enivalda; exemplar “m”, oriundo da casa de Dona Lindomar; exemplares “n” a r”, identificados na casa do Sr. João do Carmo. (Fonte: Zanettini Arqueologia, 2015).

OS VESTÍGIOS DE CACHIMBOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CACHOEIRA DELGADO

O Sítio Arqueológico Cachoeira Delgado, localizado no município de Pilar de Goiás-GO (Coordenada UTM 22 L 657140 8362180 – Datum SIRGAS 2000), alvo de estudos no bojo do *Programa de Prospecção, Resgate, Monitoramento e Educação Patrimonial Projeto Pilar de Goiás*, foi classificado, inicialmente, como um sítio ceramista pré-colonial, contando com poucos vestígios, caracterizados por fragmentos cerâmicos que exibiam queima redutora e tempero de cariapé, possivelmente associados à tradição Uru. Contudo, o sítio Cachoeira Delgado revelou-se, igualmente, uma área marcada por concentrações de vestígios cerâmicos notadamente históricos, de produção local/regional, associados aos vestígios de estrutura de habitação (Zanettini Arqueologia, 2013a). A partir das atividades de escavação realizadas junto ao sítio, foi recuperado um único fragmento de cachimbo, ilustrado na Figura 5, abaixo indicada, manufaturado a partir do emprego de molde. Novamente, é possível notar a semelhança dos padrões decorativos entre esse fragmento, os vestígios provenientes do sítio Jordino, parte da coleção do Museu Casa da Princesa e parte dos cachimbos identificados no centro histórico de Pilar de Goiás.



Figura 5. Cachimbo de barro identificado no sítio Cachoeira Delgado (Fonte: Zanettini Arqueologia, 2013a).

OS VESTÍGIOS DE CACHIMBOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO AÇAFRÃO

O sítio arqueológico Açafrão, identificado no bojo do *Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural: Prospecções Intensivas, Documentação, Monitoramento e Educação Patrimonial Projeto Maria Lázara*, está localizado no município de Guarinos-GO (Coordenada UTM 22 L 643206 8366332 – Datum SIRGAS 2000), limítrofe ao município de Pilar de Goiás. Está implantado em um terraço, distribuindo-se pela encosta de declive suave, distante 100 metros do Córrego Carroça, em cujas margens foi cadastrado o sítio Carroças, caracterizado por evidências de estruturas de contenção constituídas por blocos rochosos sobrepostos, erguidas junto à margem e a uma das meia encostas do córrego homônimo, voltadas à exploração mineral em seu leito. O sítio Açafrão, identificado a partir da realização de intervenções em profundidade, é caracterizado, notadamente, por fragmentos cerâmicos, apresentando decoração plástica, fragmentos de cachimbo e vidros. É possível que o sítio Açafrão, embora bastante descaracterizado em função da atividade de lavra recente (décadas de 1980/1990), remeta a uma zona de pousio/estar/descanso dos mineradores envolvidos na exploração do ouro propriamente dita realizada a partir da faiscação junto ao Córrego Carroça (Zanettini Arqueologia, 2014).

No que diz respeito aos cachimbos de barro, foram identificados dois fragmentos (Figura 6), ambos feitos a partir da técnica de modelagem. Técnica essa que envolve trabalhar uma porção de argila com as mãos até que esta atinja a forma desejada. Não fica descartada a hipótese de que os fragmentos observados tenham sido executados *in loco* para possível uso na frente de lavra.



Figura 6. Fragmentos de cachimbos de barro identificados no sítio Açafrão (Fonte: Zanettini Arqueologia, 2014).

OS VESTÍGIOS DE CACHIMBOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO LAVRINHAS

O sítio Lavrinhas, localizado no município de Pontes e Lacerda-MT, foi identificado no bojo do *Programa de Prospecção e Resgate Arqueológico Projeto Ernesto Pau-a-Pique* (Coordenada UTM 21 L 257634 8302994 – Datum SIRGAS 2000), e está associado a uma área de habitação de exploração mineral colonial, possivelmente associado ao Arraial de Lavrinhas, fundado entre 1731 e 1740, o qual fez parte do primeiro conjunto de arraiais mineradores instalados no vale do Guaporé, acompanhando os novos achados auríferos: São Francisco Xavier,

Santana, São Vicente, Nossa Senhora do Pilar, Brumado, Ouro Fino, Boa Vista, Lavrinhas (Canova, 2003, p. 72). Ainda que o ouro superficial tenha se esgotado rapidamente, é possível que o Arraial de Lavrinhas tenha tido uma ocupação relativamente longa, talvez, tendo sua função primordial modificada, integrando o processo de produção e abastecimento de alimentos que dava sustentabilidade à atividade mineral (Zanettini Arqueologia, 2011).

De acordo com Garcia (2003, p. 130), o Arraial de Lavrinhas contava com o terceiro contingente populacional da sub-região do Guaporé, mas, ao que parece, já a partir de 1748 até o final do século XVIII, o ouro não saía mais com tanta abundância (Garcia, 2003: 130). O sítio foi alvo de atividades de prospecção arqueológica e escavação de detalhe, e mostrou-se bastante impactado pela atividade de garimpo desenvolvida nas décadas de 1980-1990. Foram identificados vestígios de cultura material móvel, tais como fragmentos de cerâmica de produção local/regional, fragmentos de faiança portuguesa, de vidros e metal, além de telhas goivas, lajotas, tijolos maciços, blocos recortados de laterita. Cabe destacar que também foram identificados vestígios de remanescentes de estruturas de mineração e/ou habitação, canais de adução, e poço elaborado em cantaria de laterita alcançando quase quatro metros de profundidade, estruturado a partir do encaixe dos blocos de laterita, sendo esta a estrutura mais íntegra identificada no sítio (Zanettini Arqueologia, 2012).

A Figura 7 apresenta os cinco fragmentos de cachimbos de barro identificados no sítio Lavrinhas com marcas de confecção através de uso de moldes.



Figura 7. Fragmentos de cachimbos de barro identificados no sítio Lavrinhas (Fonte: Zanettini Arqueologia, 2012).

DISCUSSÃO

Ao discorrer a respeito da administração e exploração de diamantes na Serra de Santo Antônio, em Minas Novas (MG), Eschwege pontua que

[r]elativamente ao privilégio a que me referi, devo dizer que os funcionários de categoria podem alugar até 50 escravos de sua propriedade, enquanto os feitores só o podem até o número de 2 ou 3. É perfeitamente claro que essa organização irregular, além de permitir grandes abusos, constitui importante obstáculo à introdução de qualquer máquina que possa substituir o trabalho escravo. Moleiros e fornecedores de cereais cuidam do aprovisionamento de cada equipe. O alimento, no que toca à quantidade, é suficiente, pois dá para encher a barriga de cada um. Nunca varia de qualidade, porém, e é sempre mal condimentado, não agradando ao paladar. Ano após ano, esses homens não recebem dos administradores senão milho, fubá, feijão-preto e um punhado de sal, a que acrescentam, uma vez por semana, um palmo de fumo de rolo para o cachimbo, ou rapé (Eschwege, 2011 [1833], p. 108, grifo nosso).

O fumo já era conhecido nas Américas e seu uso ritualístico e medicinal, disseminado em algumas etnias indígenas quando da chegada de Cabral à América portuguesa (Lopes, 2006). Contudo, na arqueologia histórica, os cachimbos foram associados diretamente à prática de africanos escravizados, que combinavam usos ritualísticos, sociais e recreativos (Lima *et. al.* 1993; Agostini, 1998; Agostini, 2009; Agostini, 2018; Souza, 2000; Calza *et. al.*, 2013).

Lima *et al.* (1993), ao estudarem o início do modo de vida burguês, nascido com o ciclo do café, na Fazenda São Fernando, no Vale do Paraíba fluminense, chamaram atenção para os cachimbos, ou “pitos”, localizados próximos à antiga cozinha, com decorações “discretas em incisões e relevos” (Lima *et. al.* 1993, p. 189), usados indistintamente por homens e mulheres escravizados, tendo sido levantada, à época, a possibilidade de tais padrões decorativos estarem vinculados a determinados grupos africanos como forma de manutenção da identidade étnica.

Nesse sentido, Agostini (1998), ao analisar acervos provenientes de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, tentou atribuir arqueologicamente estratégias de resistência à condição da escravidão por africanos através da análise de símbolos criados e dinamizados utilizando os cachimbos como suporte. Dessa forma, a presença de alguns elementos decorativos, como as figuras antropomorfas e as decorações geométricas, não teriam sido aleatórias, e sim, formas de expressão identitária, mesmo que nem sempre com ligação direta a uma cultura ancestral específica, mas a identidades preexistentes que passam a ser reelaboradas.

Conforme apontado pela autora, a associação de padrões oferece indícios bastante sugestivos quanto à relevância dos cachimbos como suportes privilegiados para o estudo de escolhas conscientes de decoração de objetos de uso cotidiano e ritual, uma vez que sua produção é individualizada (Agostini, 2009, p. 3). A despeito da produção através da utilização de moldes, a autora chama atenção para a possibilidade de a produção de cachimbos estar inserida numa economia informal, haja vista que a participação de africanos e descendentes de africanos escravizados no comércio interno vem sendo identificada, destarte não se tenha a dimensão dessa participação (Zanettini Arqueologia, 2015).

Calza *et. al.* (2013) seguem pelo mesmo caminho, aventando a possibilidade de que a alta variabilidade das decorações dos cachimbos analisados provenientes da região central do estado do Rio de Janeiro estaria associada à diversidade étnica dos africanos levados para a região. Tedesco (2012), por sua vez, ao pesquisar o material arqueológico proveniente de escavações arqueológicas no centro urbano da cidade de Goiás (antiga Vila Boa de Goiás), não só relaciona padrões decorativos à etnicidade de matriz africana como os associa a práticas religiosas, chamando atenção para os cachimbos auxiliares no contato com entidades espirituais, frisando a literatura religiosa, em que o galo, associado ao fumo, compõe as oferendas a Oxum (Zanettini Arqueologia, 2015).

Importa destacar que sítios arqueológicos de mineração fazem parte de uma teia de ilhas colonizadas por mineiros e que se conectam, a partir de arraiais, a uma vasta rede de transporte, comunicação e economia em escala regional, nacional ou mesmo internacional (Hardesty, 1988). Segundo Nogueira (2008), havia, entre os arraiais, caminhos que se estruturavam, formando “rede articulada entre esses e as localidades especializadas na produção de víveres para o abastecimento dos colonos (...) integrando e facilitando o trânsito entre as diversas lavras minerais que se iam descobrindo” (Nogueira, 2008, p. 90). Para o autor, essas redes de abastecimento integravam o eixo paulista através dos caminhos das monções, o eixo goiano-mineiro que era acessível por via terrestre, e o eixo amazônico-paraense via rios Guaporé-Mamoré-Madeira (Zanettini Arqueologia, 2012).

Nesse sentido, Souza (2000) destaca a constituição nas minas de um universo material padronizado, especializado, em que “as categorias cerâmicas davam oportunidade a todos os que se estabeleciam na região [...], seja qual fosse sua origem ou posição social, de utilizar processos recíprocos de autoidentificação, criando com isto um ‘todo’” (2000, p. 50). Vale pontuar que, em relação aos cachimbos, o autor defende sua utilização em ampla escala pelas mulheres (Zanettini Arqueologia, 2015).

Dos cachimbos exumados no município de Pilar de Goiás, chamam atenção três objetos relacionados à produção estandardizada proposta por Souza (2000) (Casa da D. Otilia, Casa da D. Enivalda e Casa do Sr. João do Carmo); dois objetos com decoração incisa com motivos geométricos, associados aos motivos identitários africanos citados por Agostini (1998; 2009) e Lima *et al.* (1993) (Casa do Padre Braz e Casa do Sr. João do Carmo); além do cachimbo com acabamento vitrificado (Casa da D. Otilia). Intencionalmente ou não, esse tipo de acabamento é incomum ou até mesmo inédito para este tipo de objeto (Zanettini Arqueologia, 2015).

Em geral, a análise associou os fragmentos de cachimbos recuperados no núcleo urbano de Pilar de Goiás ao universo do “lazer e entretenimento”, contudo, em outros estudos arqueológicos históricos, os cachimbos foram associados a diferentes universos, estando presentes na vida cotidiana de seus consumidores em diferentes esferas e momentos conforme Tedesco (2012), que os associa diretamente ao uso ritualístico, e Agostini (2009), que, ao lançar mão de diferentes fontes históricas, notadamente a iconografia e a documentação oficial, observou o uso de cachimbos por negros em cenas cotidianas de trabalho, de descanso e de sociabilidade (Zanettini Arqueologia, 2015).

Apesar do exposto, não fica claro se a produção de Pilar de Goiás, por exemplo, caracterizava-se por uma produção padronizada ou individualizada. É possível que fosse marcada por ambas, em diferentes contextos e de acordo com as preferências dos indivíduos produtores/consumidores. Haveria uma diferença de poder de compra entre aqueles indivíduos que portavam cachimbos confeccionados no molde e aqueles que portavam os que eram modelados? Essa pergunta se faz necessária, uma vez que, em um contexto mineiro, não raro, africanos escravizados compravam suas alforrias e/ou conseguiam (independente do meio de acesso) alguns miligramas de ouro (Zanettini Arqueologia, 2015).

É incontestável que, conforme pontuado por Souza (2000), o cachimbo não só era amplamente utilizado pelas mulheres como as mulheres sempre tiveram um autêntico controle do espaço da cozinha. Dessa forma, não chega a ser surpreendente o alto índice de fragmentos de cachimbos em quintais domésticos, localizados sempre nos fundos das casas, com acesso direto pela cozinha (Zanettini Arqueologia, 2013c, 2015).

Nos trabalhos de Souza e Symanski (2009) e Souza e Agostini (2012), os autores relacionam as decorações feitas nas vasilhas cerâmicas e nos cachimbos com as escarificações. Busca-se, assim, entender como essas decorações foram “recontextualizadas” e “ressignificadas” pelos escravos na América Colonial. Dessa forma, os cachimbos poderiam ser utilizados como “marcadores étnicos visíveis” (Souza, 2000, p. 83). De acordo com Agostini (1998), o padrão decorativo identificado nos cachimbos

pode ser uma direção para a compreensão de uma estratégia sutil de resistência, que se expressaria através da manutenção de traços étnicos em suportes de uso cotidiano. Essa estratégia abrange tanto o ambiente doméstico como o público, sendo que, para este último, as ruas eram os locais onde os antigos costumes eram mantidos, interpretados e/ou reelaborados (Agostini, 1998, p. 124).

A facilidade de produção dos cachimbos através de moldes permitia a criação de padrões repetitivos em um nível de standardização mais evidente. Conforme observado nas figuras que ilustram esta reflexão, os cachimbos encontrados em regiões diferentes do estado de Goiás, e até mesmo no Mato Grosso, a exemplo dos vestígios oriundos do sítio Lavrinhas, expõem um padrão decorativo muito semelhante que, segundo Souza (2000), apresenta referenciais estéticos barrocos (Figura 8) (Zanettini Arqueologia, 2013a). De acordo com o autor (2000, p. 106) a cerâmica de Ouro Fino (Goiás) estava inserida em um movimento global que tinha como objetivo um projeto unificador barroco, “intimamente ligado aos interesses do Rei e dos seus súditos à busca de privilégios”.

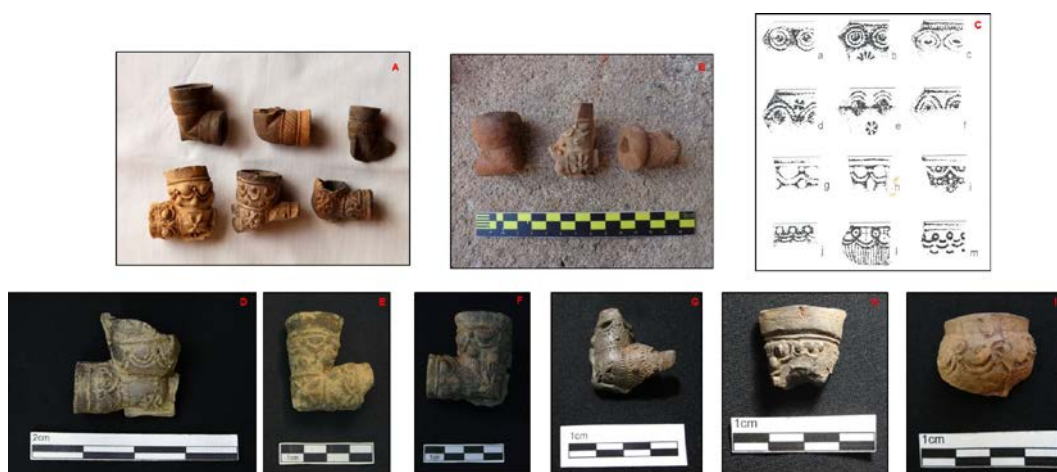


Figura 8. Comparação entre alguns dos exemplares de cachimbos de barro destacados nesta reflexão, indicando possível produção standardizada. A: Cachimbos expostos no Museu Casa da Princesa (Fonte: Zanettini Arqueologia, 2013a); B: Coleção particular de morador de Pilar de Goiás (Fonte: Zanettini Arqueologia, 2015); C: Exemplos de decorações de cachimbos da Coleção Ordenar Ferreira – Jaraquá – Goiás (Fonte: Souza, 2000); D: Cachimbo proveniente do Sítio Cachoeira Delgado (Fonte: Zanettini Arqueologia, 2013a); E: Cachimbo proveniente do Sítio Lavrinhas (Fonte: Zanettini Arqueologia, 2012); F: Cachimbo proveniente do Sítio Jordino (Fonte: Zanettini Arqueologia, 2013a); G: Cachimbo proveniente da Casa da D. Otília (Fonte: Zanettini Arqueologia, 2015); H: Cachimbo proveniente da Casa da D. Enivalda (Fonte: Zanettini Arqueologia, 2015); I: Cachimbo proveniente da Casa do Sr. João do Carmo (Fonte: Zanettini Arqueologia, 2015).

Dessa forma, a partir dos exemplos aqui apresentados, é possível notar atributos semelhantes nos fragmentos de cachimbos de barro identificados nos inúmeros arraiais de mineração do Brasil Central (Mato Grosso e Goiás). No entanto, diferentemente dos contextos analisados por Souza & Symanski (2009) e Souza & Agostini (2012), não buscamos, a princípio, associar os padrões decorativos identificados a etnias africanas, pois correríamos o risco de caracterizar os grupos culturais de forma “fechada e estática” (Agostini, 1998, p. 123). Pois, ao contrário dos autores supracitados, temos poucas informações precisas sobre a formação e composição étnica dos escravizados que viveram nos contextos aqui destacados no período colonial.

Da mesma forma, acreditamos que os motivos decorativos não são meramente estéticos, pois, como salienta Agostini (1998), considerar que pessoas retiradas de sociedades, que são reconhecidas pela riqueza de produção material de símbolos, passam a reproduzir padrões de decoração de maneira aleatória e mecânica significa afirmar uma bem-sucedida coisificação dos seres humanos então envolvidos (*Ibidem*, p. 129).

A partir dos exemplos supracitados, vemos que, assim como Souza e Agostini (2012),

[...] a intenção por trás da reprodução de motivos específicos significa que lhes foi atribuído um significado, tornando-os um símbolo, e não apenas uma decoração, mesmo que o significado desse símbolo tenha sido sujeito a transformações pelos diferentes grupos afro-brasileiros com os quais interagiu (Souza & Agostini, 2012, p.22, tradução nossa)⁴.

Muitos são os exemplos de como a decoração apresenta um papel fundamental entre as sociedades africanas, revelando escolhas que fazem parte de um processo de conformação e manutenção de identidades étnicas. Assim, arraiais de mineração e frentes de lavra também se inserem em um contexto em que as decorações extrapolam funções estéticas, compondo uma ampla e complexa estrutura simbólica que, em um novo contexto, foi reconfigurada e recontextualizada conforme o contato e a convivência entre diferentes grupos. Dessa forma, o que temos são símbolos “*creating*” ou “*remodeling*” (Mintz & Price, 1992 *apud* Souza & Symanski, 2009) através da decoração das vasilhas cerâmicas e cachimbos, por exemplo, cabendo, diante do exposto, novas investigações que, a partir da composição decorativa identificada nos contextos de frentes de exploração mineral, busquem apreender o significado dos símbolos que estão por detrás desta decoração e sua relação com os indivíduos que compuseram os grupos sociais de arraiais de mineração durante os séculos XVIII e XIX.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os pesquisadores que participaram dos projetos de pesquisa destacados nesta reflexão, por sua colaboração e contribuição em campo e gabinete; aos auxiliares de pesquisa de campo envolvidos nas atividades de escavação, entre outras; à Susan Campos da Silva e Daniele Santana, pela produção da cartografia que ilustra este artigo.

⁴ “[...] the intent behind the reproduction of specific motifs signifies that a meaning was attributed to it, making them a symbol, and not just a decoration, even if the meaning of that symbol was subject to transformation by the different Afro-Brazilian groups with which it interacted.” (Souza & Agostini, 2012, p. 22).

REFERÊNCIAS

- Agbe-Davies, A. S. (2010). Social Aspects of the Tobacco Pipe Trade in Early Colonial Virginia. In Bauer, A. A & Agbe-Davies (Orgs.), *Social Archaeologies of Trade and Exchange: Exploring Relationships among People, Places, and Things* (p. 69-98). Walnut Creek, CA: Left Coast Press, Inc.
- Agostini, C. (1998). Resistência cultural e reconstrução de identidades: um olhar sobre a cultura material de escravos do século XIX. *Revista de História regional*. 3(2): 115-137.
- Agostini, C. (2009). Cultura Material e a Experiência Africana no Sudeste Oitocentista: Cachimbos de Escravos em Imagens, Histórias, Estilos e Listagens. *Topoi*, vol. 10, n.8: 39-47.
- Agostini, C. (2018). “Cachimbos de Escravos”? Miudezas do cotidiano entre malungos, irmãos e alteridades. In Chevitarese, André L. & Gomes, Flávio dos Santos. (Org.). *Dos artefatos e das margens. Ensaios de história social e cultura material no Rio de Janeiro* (p.11-37). Rio de Janeiro: 7Letras.
- Allen, S. J. (2016). Afrofatos. Vestígios. *Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 10. 93-105.
- Alves, M. L. (2015). Notas sobre cachimbos de barro no Brasil (séc. XVIII e XIX). In: IV Encontro de Pesquisa em História da UFMG. Belo Horizonte. *Temporalidades*. v. 7. 1101-1111.
- Bollwerk, E. A., & Tushingham, S. (2016). Expanding Perspectives on the Archaeology of Pipes, Tobacco and other Smoke Plants in the Ancient Americas. In Bollwerk, E. A., & Tushingham, S. (Orgs.), *Perspectives on the Archaeology of Pipes, Tobacco and other Smoke Plants in the Ancient Americas* (p. 1-11). Springer, New York.
- Calza, C. F., Gaspar, M. D., Dias, D., Coelho F., Freitas, R. P. & Lopes, R. T. (2013). Análise de peroleiras e cachimbos cerâmicos provenientes de escavações arqueológicas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 8 (3): 621-638, set.-dez.
- Canova, L. (2003). *Os doces bárbaros: imagens dos índios Paresi no contexto da conquista portuguesa em Mato Grosso (1719-1757)*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá.
- Defoe, D. (2012). *Robinson Crusoe*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Emerson, M. C. (1999). African Inspirations in New World Art and Artifact: Decorated Clay Tobacco Pipes from the Chesapeake. In Singleton, T. (Org.) “*I, Too, Am America: Archaeological Studies of African-American Life*”. University Press of Virginia, Charlottesville, VA.
- Eschwege, W. L. von. (2011). *Pluto Brasiliensis*. Tradução do original alemão por Domício de Figueiredo Murta. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial.
- Garcia, R. C. (2003). *Mato Grosso (1800-1840): Crise e Estagnação do Projeto Colonial*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Gardin, Jean-Claude. (1980). *Archaeological Constructs. An Aspect of Theoretical Archaeology*. Cambridge University Press.
- Hardesty, D. L. (1988). *The Archaeology of Mining and Miners: A View from the Silver State*, Special Publication 6, Tucson: Society for Historical Archaeology.
- Hissa, S. B. V. (2020). Fumo e cachimbos importados na São Paulo oitocentista. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* n. 34. 111-131.
- Lima, A., Bruno, M. & Fonseca, M. da. (1993). Sintomas do modo de vida burguês no Vale do Paraíba, séc. XIX: Fazenda São Fernando, Vassouras, RJ. *Anais do Museu Paulista. História e Cultura Material*, n. 1: 179-206.
- Lopes, G. A. (2006). Correntes de fumaça. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. n. 8. 40-45.

- Mintz, S. W., and Price, R. (1992). *The Birth of African-American Culture. An Anthropological Perspective*. Beacon, Boston.
- Monroe, J. C. (2002). *Negotiating African-American Ethnicity in the Seventeenth-Century Chesapeake: Colono Tobacco Pipes and the Ethnic Uses of Style*. The Archaeology of the clay tobacco Pipe Volume XVI, Peter Davey, editor. British Archaeological Reports, Oxford.
- Nogueira, C. E. (2008). *Nos Sertões do Poente: Conquista e Colonização*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Souza, M. A. T. de. & Agostini, C. (2012). Body Marks, Pots, and Pipes: Some Correlations between African Scarifications and Pottery Decoration in Eighteenth and Nineteenth-Century Brazil. *Historical Archaeology*, v. 46. 102-123.
- Souza, M. A. T. de. & Symansky, L. C. P. (2009). Slave Communities and Pottery Variability in Western Brazil: The Plantations of Chapada dos Guimarães. *International Journal of Archaeology*, v. 13. 513-548.
- Souza, M. A. T. de. (2000). *Ouro Fino. Arqueologia histórica de um arraial de mineração do século XVIII em Goiás*. Dissertação de mestrado em História das Sociedades Agrárias da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás. Goiânia: UFG.
- Tedesco, G. V. L. (2012). *A cerâmica que vela e revela: Projetos identitários de negros ceramistas em Vila Boa de Goiás (séculos XVIII e XIX)*. Tese de Doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em História das Sociedades Agrárias da Universidade Federal de Goiás. Goiânia: UFG.
- Troncoso, L. P. S. (2019). *Horizontes mineradores: arqueologia da mineração e a gestão do patrimônio arqueológico sob a ótica do licenciamento ambiental*. Tese de Doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- White, C. & Beaudry, M. (2009). Artifacts and Personal Identity. In Majewski, T. & Gaoimster, D. (Orgs.), *International Handbook of Historical Archaeology* (p. 209-225). Springer, New York.
- Zanettini Arqueologia. (2008). Avaliação Arqueológica Rápida (AAR): Projeto de Exploração Pilar, município de Pilar de Goiás, estado de Goiás. Relatório técnico.
- Zanettini Arqueologia. (2011). Programa de Prospecção e Resgate Arqueológicos. Projeto Ernesto / Pau-a-Pique (EPP). Relatório Final. Municípios de Pontes e Lacerda e Porto Esperidião, Estado do Mato Grosso, Etapa 1.
- Zanettini Arqueologia. (2012). Programa de Prospecção e Resgate Arqueológicos. Projeto Ernesto / Pau-a-Pique (EPP). Relatório Final. Municípios de Pontes e Lacerda e Porto Esperidião, Estado do Mato Grosso, Etapa 2.
- Zanettini Arqueologia. (2013a). Programa de Prospecção, Resgate, Monitoramento e Educação Patrimonial. Projeto Pilar de Goiás. Município de Pilar de Goiás - GO. Relatório Final.
- Zanettini Arqueologia. (2013b). Programa de Prospecção e Resgate Arqueológico. Projeto Ernesto/Pau-a-pique (EPP). Relatório final. Municípios de Pontes e Lacerda e Porto Esperidião. Estado do Mato Grosso.
- Zanettini Arqueologia. (2013c). Diagnóstico arqueológico interventivo do núcleo histórico tombado de Pilar de Goiás, estado de Goiás. Relatório 4.
- Zanettini Arqueologia. (2014). Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural: Prospecções Intensivas, Documentação, Monitoramento e Educação Patrimonial. Projeto Maria Lázara. Relatório Final. Município de Guarinos, Estado de Goiás.
- Zanettini Arqueologia. (2015). Diagnóstico Arqueológico - Núcleo Histórico Tombado de Pilar de Goiás. Relatório Final. Município de Pilar de Goiás, Estado de Goiás.